

Copa do Mundo de 1994. A seleção brasileira conquista o tetracampeonato dividida entre dois estilos: de um lado, o capitão e exemplo máximo do futebol de "resultados", ou o "futebol-força", o meio-campista Dunga; de outro Romário, artífice manhoso, com muito talento, mas indisciplinado. De que forma estes extremos revelam aspectos dos diferentes modos de subjetivação presentes no Brasil? Somos Romário ou Dunga? Somos Romário-Dunga, um híbrido construído em função das necessidades contemporâneas, quando já não parece mais ser possível sobreviver só com o ideal romântico do talento? Seria Romário o exemplo de nosso futebol "arcaico" e Dunga de um futebol "moderno"? Qualquer amante do futebol teria dificuldade em aceitar uma análise que implicasse em considerar que o melhor para o futebol brasileiro seria que ele se transformasse em um futebol moderno com uma seleção formada por onze "Dungas".

Além do Brasil ser o país do futebol, há outras razões para se estabelecer uma relação entre formas de se jogar futebol e os modos de constituição da subjetividade no Brasil. Assim como neste esporte, a complexa realidade brasileira não realizou de forma linear e direta a passagem do arcaico para o moderno. O caso do futebol é, assim, apenas um exemplo do

Retratos da subjetividade no Brasil

Resenha de Luis Cláudio Figueiredo, Modos de Subjetivação no Brasil e Outros Escritos, São Paulo, Escuta/EDUC, 1995, 151p.

tipo de impasse que análises sobre a modernidade e sua incidência na constituição da subjetividade brasileira tendem a enfrentar.

Quem acompanha as publicações de Luis Cláudio Figueiredo, principalmente a partir de seu livro *A Invenção do Psicológico. Quatro séculos de subjetivação - 1500-1900* (1992), reconhecerá neste novo livro, composto de um ensaio principal e três outros textos, o mesmo estilo marcado tanto pelo extremo rigor, como pela criatividade na escolha de temas e questões a serem trabalhadas. Reencontrará, ainda, um autor

que se caracteriza por incluir os problemas diretamente relacionadas com as práticas psicológicas e psicanalíticas em um âmbito maior, em que são questionados seu solo de referência e as conseqüências de suas atuações a partir de outras áreas do saber como a filosofia, a história e a antropologia.

Em "Pessoas, sujeito, meros indivíduos. Desencontros e passagens no Brasil contemporâneo", ensaio que abre o livro, Figueiredo aproveita diversos acontecimentos recentes no Brasil para dar continuidade às suas inventivas formulações sobre a constituição das subjetividades modernas e contemporâneas. Dos estudos antropológicos aos políticos, de análises sobre a militância às incursões sobre a "malandragem e adja-

cências", dos exemplos, que vão de alguns personagens de nossa história política aos retirados do nosso modo de jogar futebol, nota-se a preocupação em descrever os "paradoxos e os desencontros" dos modos de subjetivação brasileira em uma realidade que se pretende moderna.

A opção por expor um grande número de aspectos e formas, em detrimento de uma análise mais detalhada de um único aspecto, é evidente na proposta geral do principal ensaio do livro. Isto coloca o leitor diante de uma tarefa inesperada: diante de uma série de situações passíveis de identificação vê-se convidado a contrastar várias facetas de seu cotidiano de brasileiro com as sugestões de interpretação propostas pelo autor. Como em um trabalho em andamento, nos vemos na necessidade de avançar em cada um dos exemplos ilustrativos e verificar, por nossa própria conta, a fecundidade das idéias do autor e das várias idéias de outros autores apresentadas no decorrer do texto. Este rico exercício é uma das evidentes qualidades deste livro. Pude pensar, por exemplo, no paralelo possível entre uma prática religiosa (pentecostal) como via de modernização, com seu "caráter profundamente pragmático do engajamento religioso, o que levou alguns a falar em 'religião de resultados'" (p. 79), e a tentativa, através de jogadores como Dunga, de fazer do futebol brasileiro um verdadeiro futebol moderno, um futebol de re-

sultados, e porque não, também e mais diretamente, estabelecer este paralelo com os "atletas de Cristo" que constituem um verdadeiro exército nestes últimos dez anos. As curiosas alianças nas formas de engendramento da modernidade no Brasil dão margem a várias análises criativas com as quais o autor nos leva a repensar as mais diversas situações de nosso cotidiano.

Há, ainda, uma característica da abordagem de Luis Cláudio Figueiredo que precisa ser destacada. Assim como em *A Invenção do Psicológico*, também no principal ensaio deste novo livro, encontramos a estruturação de um pensamento a partir de três elementos. No livro de 1992, Figueiredo expunha como o modo de subjetivação característico do século XIX, mas ainda presente no século XX, poderia ser entendido a partir do espaço triangular formado pelos polos do *Liberalismo, do Romantismo e das Disciplinas*. Neste novo ensaio, a partir das propostas de autores como Roberto Da Matta, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido e Roberto Schwarz,

são propostas três categorias de análise como instrumento de interpretação da subjetividade brasileira: *sujeito, pessoas e meros indivíduos*. Ao trabalhar com três elementos, Figueiredo habilmente escapa das formas unitárias e duais (e também dialéticas) de pensamento, encontrando um modelo de análise que lhe parece mais adequado para explorar a complexidade dos temas que enfoca. Esta chave de leitura, se assim posso chamar, coloca-nos diante de uma das dificuldades do pensamento contemporâneo: como apresentar a multiplicidade, a diversidade, o mundo das *diferenças* de forma não hierárquica e, ao mesmo tempo, não se recusar a uma análise ética dos fenômenos sociais e dos comportamentos individuais? As "chaves de leitura" unitárias, duais e dialéticas trazem em si, implícita em sua própria formulação, uma perspectiva do que é bom e do que é ruim, do que é certo e do que é errado, por mais sofisticadas que possam ser suas formas de apresentação. Por outro lado, o risco que sempre parece estar presente nos discursos contemporâneos da multiplicidade não hierarquizada é o de não conseguir estabelecer critérios mínimos de diferenciação ética entre formas de existência. Luis Cláudio Figueiredo conhece estes riscos e

sabe evitá-los de forma convincente. É assim que vemos operando a análise construída através das categorias de sujeito, pessoas e meros indivíduos.

Talvez, mais do que categorias de análise, tais categorias sejam fiéis retratos das múltiplas formas de presença paradoxais dos modos de subjetivação no Brasil. Afinal, provavelmente, mais do que em outro país, cada um de nós é ao mesmo tempo pessoa, mero indivíduo e sujeito. As passagens de um mundo constituído por *pessoas* que vivem de acordo com uma rede de relações familiares, de costumes e tradições que ignoram as formalizações das leis estabelecidas por um Estado Moderno, para uma realidade que deveria ser constituída por *sujeitos modernos*, o "sujeito centrado em si mesmo", soberano, o sujeito da razão, não são simples nem evidentes, em especial quando há dúvidas sobre o que é ser, de fato, um sujeito da modernidade.

É desta forma que Luis Cláudio nos dirige para um questionamento das práticas psicológicas e psicanalíticas no Brasil contemporâneo. Acima de tudo, questiona as demandas por atendimentos psicológicos e psicanalíticos no contexto da crise da modernidade. Mostra, com clareza, as implicações de várias práticas psicológicas com "a crença nas possibilidades de se (re)constituírem subjetividades" (p. 87) e as consequências destas implicações. É marcante o lugar diferenciado que a psicanálise ocupa neste contexto, o que no entanto não a isenta de questionamentos sobre as funções que possui em nosso meio. Mais uma vez, todas estas idéias aparecem também como um pensamento em construção, no melhor sentido desta palavra, o que permite ao leitor um permanente diálogo com os argumentos desenvolvidos no texto.

Este primeiro ensaio, por si só, já justificaria a importância do livro. Mas o leitor encontrará ainda três pequenos textos de grande interesse. O primeiro, "Hierarquia e Individualismo", é dedicado às relações entre indivíduo e sociedade a partir de três personagens históricos (o cavaleiro andante, o folião medieval e o aristocrata de corte). Aqui, Figueiredo discute as relações entre hierarquia e individualização apoiado em autores como Norbert Elias, Bakhtin e Dumont. Argumenta em parte contra o que considera uma análise às vezes não suficientemente problematizada,

por Dumont, no que diz respeito à oposição entre sociedades holistas e individualistas. Apon-ta para a necessidade de orientarmos nosso pensamento para além de uma simples oposição entre sociedades hierárquicas e sociedades individualistas, em direção a “uma análise das condições contraditórias inerentes às diversas formas de sociabilidade das quais emergem, em um processo de engendramento imanente, os personagens históricos concretos e já não mais os tipos ideais estaticamente concebidos”(p.109). Aqui encontramos uma das principais marcas destes ensaios de Figueiredo: reconhecer sempre a complexidade dos movimentos históricos que operam na constituição das subjetividades.

O segundo destes ensaios, “A Militância como Modo de Vida”, apresenta a militância como um dos modos de subjetivação reativa. Segundo o autor a militância (independentemente do tipo) “será sempre da or-

dem do sintoma” mas “sintoma de toda uma época e de todo sofrimento que lhe é inerente”. (p. 114) Diante de um tema delicado e passível de muitas incompreensões, Figueiredo procura diferenciar a militância da autêntica participação política. Para ele deve-se entender a política como campo comum e público de encontro das alteridades, que geram mudanças e diferenciações; já a militância, principalmente a clandestina, se caracterizaria pela exclusão da alteridade - de modo que seria, afinal, o sintoma de uma patologia da vontade.

No último ensaio do livro, “O Silêncio e as Falas do Corpo”, mais uma vez vemos o modelo de análise do autor em funcionamento. Aqui ele apresenta uma interpretação consistente da construção e das mudanças que ocorreram no estabelecimento da fronteira corpo/mente na modernidade. Parte do legado do séc. XVI - o sujeito como fundamento - e a imposição da necessidade metódica. Examina o ressurgimento da “outra realidade” - a que teria sido excluída com o predomínio da noção de um sujeito racional e soberano -

considerando-a como um sintoma. Ao descrever o pensamento romântico da passagem do séc. XVIII para o séc. XIX, Figueiredo procura mostrar como o corpo irrompe neste cenário. “Os corpos, segundo os romantismos, possuem uma *profundidade* que lhes é própria; eles já não são apenas casca, limite e exterioridade, já que não são mais apenas envelope e proteção: são corpos dotados de uma vida própria...”(pp. 147-8). Neste movimento, situa a inversão que faz do corpo e de suas profundezas (e depois do inconsciente) o núcleo da subjetividade, assim como faz da razão a casca, a cobertura falsa.

Em todos ensaios do livro, cabe ressaltar, Figueiredo apresenta a *psicanálise*, em seus aspectos de “empreendimento

intelectual” e de “atividade clínica”, como uma experiência de ruptura com o sujeito da modernidade, embora nos lembre de que ela é tributária de duas grandes tradições modernas. É, por um lado, herdeira da tradição racionalista, que afirma o mundo mental como uma realidade *sui generis*. Por outro lado, é tributária da tradição romântica, de onde teria se derivado a noção de inconsciente. A predileção de nosso autor pela psicanálise, entre as várias teorias que compõem o panorama das práticas terapêuticas contemporâneas, é evidente. Mas como a psicanálise é uma e muitas ao mesmo tempo, os elogios implícitos (e às vezes explícitos) dirigidos a ela, devem ser tomados com alguma cautela. Caberá ao leitor interessado reconhecer-se, ou não, nos diferentes lugares identificatórios que Luis Cláudio Figueiredo nos propõe.

Nelson Coelho Junior é doutor em Psicologia Clínica (PUC-SP), professor do Instituto de Psicologia - USP, e autor de *A Força da Realidade na Clínica Freudiana*, Escuta, 1995.